

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP**

Ana Carolina Barros Marques

**A PERSONAGEM BIGGER THOMAS NA OBRA DE RICHARD
WRIGHT E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE AFRO-
AMERICANA.**



ARARAQUARA – S.P.
2013

Ana Carolina Barros Marques

**A PERSONAGEM BIGGER THOMAS NA OBRA DE RICHARD
WRIGHT E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE AFRO-
AMERICANA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Alcides Cardoso dos
Santos**

ARARAQUARA – S.P.
2013

Marques, Ana Carolina Barros

A personagem Bigger Thomas na obra de Richard Wright e a construção de identidade afro-americana / Ana Carolina Barros Marques – 2013

36 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)
Orientador: Prof, Dr. Alcides Cardoso dos Santos.

1. Literatura negra. 2. Literatura norte-americana.
3. Wright, Richard. 4. Questão racial. 5. Identidade. I. Título.

ANA CAROLINA BARROS MARQUES

A personagem Bigger Thomas na obra de Richard Wright e a construção de identidade afro-americana.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos.

Data da defesa/entrega: 23/11/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara.

Membro Titular: Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças Gomes vila da Silva
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Ricardo Maria dos Santos
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Á minha família e amigos que acreditaram em mim e me apoiaram nessa jornada acadêmica em busca de meus sonhos de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que apoiaram meu sonho de fazer uma faculdade,

Ao meu orientador que acreditou na minha capacidade.

É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e Negro, duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados, dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroce.

W. E. B. Du Bois (1999, p. 54).

RESUMO

Este trabalho analisa a personagem Bigger Thomas do romance norte-americano *Native Son* publicado em 1940, pelo autor afro-americano Richard Wright. Por meio dessa personagem tentamos nos aprofundar na questão racial pós-escravatura em um país onde a segregação racial era sustentada legalmente e como esta questão se refletia na sociedade e na formação de identidade de seus filhos nativos afro-descendentes.

Palavras – chave: Literatura Negra. Literatura Norte-americana. Richard Wright. Questão Racial. Identidade.

ABSTRACT

This paper analyzes the character Bigger Thomas Native Son's American novel published in 1940 by African-American author Richard Wright. Through this character we try to study more the post-slavery racial issue in a country where racial segregation was legally sustained and how this issue was reflected in society and identity formation of their native sons African-American.

Keywords: Black Literature, North American Literature, Richard Wright, Race Issues, Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA NEGRA	11
3 RICHARD WRIGHT: VIDA E OBRA	17
4 NATIVE SON	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIA	35
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	36

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo visa analisar a obra *Native Son* do escritor afro-americano Richard Wright publicada em 1940.

Esta obra foi considerada por muitos críticos e público um marco na Literatura Norte-americana e na Literatura Negra, desde sua publicação ela se tornou uma das obras mais lidas em seu gênero e se tornou uma literatura obrigatória para todos que querem entender um pouco mais da questão negra, ou das minorias de forma geral, na sociedade moderna.

Neste trabalho pretendemos desvendar alguns aspectos importantes em relação a real importância desta e de seu autor não apenas para a literatura, mas a para formação do indivíduo moderno, a conscientização o outro, a questão racial e a formação de identidade diante desses conflitos sociais.

A introdução a obra *As almas da gente negra* de W.E.B. Du Bois, poderia ser citada como introdução a toda obra de Richard Wright,

Aqui estão encerradas muitas coisas que, se lidas com paciência poderão mostrar o significado estranho de ser negro agora [...]. Esse significado não é desprovido de interesse para ti, Gentil Leitor; pois o problema do século XX é o problema da barreira racial (W. E. B. DU BOIS, 1999, p. 54).

A introdução de Du Bois feita para seu livro publicado em 1903 se encaixar tão bem a obra de Wright que ainda nem havia nascido neste ano e demoraria mais 35 anos para lançar seu primeiro livro se deve a atualidade da questão e a relevância da obra de nosso autor que vai ao encontro com o ensaio de um dos maiores intelectuais e ativistas negro de sua época.

Desse modo, neste trabalho queremos discutir por meio da análise da personagem principal de *Native Son*, Bigger Thomas, como os elementos literários da obra são usados de forma sábia e proposital para apresentar a problemática dos afro-americanos em seu país nativo em uma época de segregação racial. Isto é apresentado pelo autor por meio da construção de uma personagem que como alguns negros que ele conheceu não agia da forma estipulada pela ética das leis Jim Crow e com isso demonstrava a verdadeira face da segregação racial, e as consequências dessa divisão social que cria estereótipos raciais e identidades fragmentadas entre o que as pessoas são e o que deveriam ser.

2 LITERATURA NEGRA

Para falarmos em Literatura Negra é importante construirmos ao menos um sucinto panorama a respeito da história dos Estados Unidos em relação à história dos afro-americanos.

Após a Guerra de Secessão, de 1861 a 1865, isto é, no período da Reconstrução (1867-1877) dos Estados Unidos, os Estados do Sul, descontentes com a derrota e sem conseguir superar assim tão rapidamente a diferença social que haviam sustentado por centenas de anos, se viram obrigados a criar novas perspectivas sociais para lidar com a entrada dos novos cidadãos (escravos libertos) a sua sociedade. A lei os havia libertado fisicamente, mas, essa não foi capaz de libertá-los do preconceito que excede o racional e se amalgama como o emocional, se tornando assim uma questão muito mais séria do que os problemas político-econômicos que a geraram, segundo Rose,

A continuação do racismo [...] constitui um exemplo do princípio sociológico de que as ideologias continuam a prevalecer mesmo depois de não mais existirem as condições que lhe deram origem (ROSE, 1968, p.22).

Desse modo, foi criada uma segunda classe para abrigar esses que eles não conseguiam aceitar como iguais, colocando-os, assim, numa posição de *separate but equal*, pois dessa maneira, conseguiram tornar legal estatalmente a separação entre brancos e negros, alegando que se os bens destinados a ambos fossem suficientemente equivalentes, haveria a igualdade social prevista na Constituição.

Em 1881, surge a primeira lei estadual, no Tennessee, que sustentava essa separação, ela legalizava nesse estado o transporte público segregado. Essa segregação foi sustentada legalmente por leis específicas criadas por cada Estado sulista segregacionista e emendas feitas a Constituição pelos mesmos, popularmente conhecidas como *Jim Crow Laws*. A Corte Suprema apoiava as leis Jim Crow que sancionavam espaços públicos separados para negros e brancos, que anulavam os Direitos Civis.

Todavia, não foi assim que as coisas se deram e aos negros foi dada não só uma menor e pior parcela da sociedade, como também um tratamento de inferiorização próximo aos

moldes escravocratas, com um isolamento social, que lhes rendeu um fator positivo, a união para a resistência, "[...] por detrás das muralhas do isolamento e da segregação os negros puderam formar melhor resistência à subordinação" (ROSE, 1968, p.22).

Na chamada Era Eisenhower, os anos que se seguiram no pós Segunda Guerra Mundial, o país passa por grande prosperidade econômica, porém, as minorias sociais são impedidas de participar dessa ascensão, dentre elas estavam os afrodescendentes que continuavam a sofrer discriminação racial, econômica e política.

Com a ascensão econômica do país e sua alta visualização no contexto mundial, esse sistema político segregacionista começa a ser julgado por todos os lados, dos países europeus que passaram a questionar a liberdade que os americanos diziam defender, aos outros países, recentemente independentes que não queriam fazer negócios com um país que excluísse suas minorias e até a própria classe alta intelectualizada que passa a exigir uma melhor atuação do país devido à repercussão de suas ações no contexto mundial, colocando assim, em exposição o movimento negro que se fortalecia e se aglomerava nas chamadas ações afirmativas, em que os negros, junto a outras minorias sociais, passaram a lutar pelo reconhecimento de seus direitos civis e políticos, numa esfera nacional, não apenas com um líder ou um grupo, mas abrangendo muitas pessoas em regiões distintas.

Em 1968, finalmente, a Corte Superior ditou direitos plenamente iguais a todos os cidadãos e a partir disso, começam a conceder às minorias o que lhes é de direito, contudo, até hoje a igualdade não é plena, nos levando assim a atualidade da questão que Richard Wright nos trouxe, a busca por meio da literatura de representação dos que não encontram voz socialmente.

Porém, antes mesmo dos negros terem voz, a literatura já falava por eles, muitas vezes falava de forma estereotipada, de tal modo que eles próprios não se reconheciam nesta literatura, podemos dizer que este foi o caso de *Cabana do Pai Tomás ou Vida Entre os Humildes* de Harriet Beecher Stowe, publicado em 1852, o livro que foi o grande sucesso do século XIX, exaltado pela crítica e devorado pelo público, foi trazido para mais de 20 línguas, tinha uma falha grande na construção de sua personagem principal, quer foi construída como um negro submisso e benevolente, que tudo aceitava e se considerava inferior aos brancos.

O livro teve um importante papel social na história norte-americana, apesar de ter corroborado para a construção de uma imagem errônea dos negros, ele ajudou na luta pela libertação dos escravos no país, seu sucesso fez com que o problema da escravidão chegasse a todos os cidadãos norte-americanos e deu luz a discussão do problema antes ignorado, de um

país que tanto exaltava a democracia e ainda mantinha uma etnia inteira cativa para fins econômicos.

O sucesso da obra foi tanto que repercutiu anos depois no Brasil, se tornando por aqui uma telenovela da Rede Globo transmitida no horário das 19h entre 7 de julho de 1969 e 2 de março de 1970. Aqui também foi responsável por uma grande polêmica devido à construção da personagem principal, Pai Tomás, agora a personagem não só tinha o problema natural de submissão encontrada na história original de Stowe, como também tinha um problema étnico-identitário por ter sido interpretada por um ator branco, Sérgio Cardoso.

Esse mesmo romance foi a inspiração de Richard Wright para a criação de *Uncle's Tom Children*, um livro de contos que Wright liberta suas personagens do estereótipo criado por Stowe e revela a verdadeira identidade dos norte-americanos afro-descendentes, não mais pessoas submissas que se inferiorizam diante dos brancos, mas que são inferiorizadas devido as leis Jim Crow e mesmo assim, não desistem de lutar por seus direitos.

Após Stowe, uma próxima obra notória a discutir a problemática dos negros, foi a obra escrita por um afro-descendente Charles Chesnutt, que segundo o próprio era sete oitavos branco, sendo assim, tinha facilidade para se passar por branco, apesar disso sempre se assumiu afrodescendente e escreveu seu livro de contos *The Goophered Grapevine*, publicado em 1886, em *Black english*.

Na década de 20, começa a Renascença do Harlem ou a Renascença Negra¹ um movimento de artistas e intelectuais que exaltavam a importância do negro no país e lutava para que esse adquirisse direitos iguais ao dos brancos, segundo Zila Bernd,

[...] o *Negro Renaissance*, ou Renascimento Negro, que, como o nome indica, pretendia fazer reviver a autoconsciência do negro americano, propondo não uma utópica volta à África, mas uma redefinição do papel do negro em solo norte-americano. Entre os articuladores do movimento estão hoje os muito lidos e traduzidos escritores norte-americanos Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wright, entre outros, que passaram a fazer da denúncia da situação de discriminação e de opressão econômica de que eram vítimas sua temática obsessional. (BERND, 1988, p.23)

¹*Harlem Renaissance* or *Black Renaissance*.

James Mercer Langston Hughes além de ser um dos ativistas sociais que encabeçou o Renascimento Negro foi um grande inovador literário, ele foi um dos poetas responsáveis pela chamada *jazz poetry*, uma poesia que se inspirava no ritmo e na improvisação do jazz. Langston Hughes teve uma rica carreira literária de quarenta e um anos nos quais ele escreveu dezesseis livros de poemas, inúmeros poemas infantis, dois romances, três coletâneas de contos, vinte peças de teatro, vários musicais e óperas, três autobiografias, inúmeros roteiros para rádio e televisão e dezenas de artigos para revistas.

Festus Claudius "Claude" McKay (1889 - 1948), o outro escritor que se sobressaiu na Renascença do Harlem foi um literato jamaicano-americano, que escreveu primeiro trabalho publicado durante o movimento, uma coletânea de poesias intitulada *Harlem Shadows*, ele também foi o criador de três romances: *Home to Harlem* (1928), *Banjo* (1929), *Banana Bottom* (1933), coleções de poesia, uma coleção de contos, *Gingertown* (1932), dois livros autobiográficos, a *Long Way from Home* (1937) e *My Green Hills of Jamaica* (1979), e um tratado sócio-histórico intitulado *Harlem: Negro Metropolis* (1940).

Nos anos 50, James Baldwin (1924 - 1987), um dos grandes críticos de Wright conquistou espaço com suas obras *Giovanni* (1956) e *Nobody Knows My Name: More Notes of a Native Son* (1961). Já nos anos 60, o contexto da Literatura Negra se torna outro, os textos se tornam mais políticos e engajados, Malcom X foi o maior líder deste período, além de defensor dos direitos dos afro-americanos teve sua autobiografia elegida pela revista norte-americana *Time* como uma das obras não literárias mais importantes do século XIX.

Atualmente, os escritores negros que têm se dedicado mais a literatura novamente e novos grandes nomes aparecerão, dentre eles quem têm chamado a atenção do público e da crítica seriam Toni Morrison (1931), John Edgar Wideman (1941) e Alice Walker (1944). A primeira é uma escritora, professora e editora que atua até hoje no mercado produzindo obras muito reconhecidas mundialmente, ela é a autora de clássicos como *O olho mais azul* (1970), *Sula* (1973), *Song of Salomon* (1975) e *Amada* (1987), sendo este último o responsável por ela ganhar o Prêmio Pulitzer, em 1988 e o Prêmio Nobel, em 1993, porém ela já havia sido indicada ao National Book Award pelo primeiro, em 1975 e vencido o National Book Critical Circle, em 1977 com *Sula*, mas foi com *Song of Salomon* que a autora adquiriu fama nacional e foi a segunda autora afro-americana a ter sua obra selecionada para o *Book of the Month Club*, o autor afro-descendente a entrar nessa seleção antes dela foi Richard Wright com nossa obra de estudo *Filho Nativo*. O segundo, também é professor e escritor tem dois grandes livros de sucesso, *The stories of John Edgar Wideman*, um livro de contos e o romance *Rubem*, o primeiro ainda não tem tradução no Brasil, entretanto eles já fizeram o autor ser

intitulado pelo jornal norte-americano *The New York Times*, como um dos autores mais influentes da nova geração do país. E a última, Alice Walker tem se destacado com sua obra de contos *De amor e desespero – histórias de mulheres negras* (1973) e *A cor púrpura* (1982), essa obra se tornou um *bestseller* e foi adaptado para o cinema e teatro.

Neste pequeno panorama podemos ver bem sucintamente o quanto a cultura e a arte, mais especificamente a literatura é rica entre os afro-americanos, sendo esta um importante meio de busca de identidade étnica, contudo, segundo Zilá Bernd é difícil delimitar quaisquer tipos de arte e apesar de na literatura estes rótulos se tornarem mais fáceis devido à categorização de nacionalidade, em alguns casos, a nacionalidade de um autor não o define tão bem quanto sua etnia, gênero ou religião. O caso dos afro-americanos vai ao encontro dessas afirmações de Bernd, pois nada os definiria melhor do que sua etnia, exatamente por não pertencerem à nacionalidade ao qual são nativos. Corroborando assim, com a temática do autor Richard Wright e sendo consonante até com seu título que traz exatamente esse questionamento de um filho nativo que se sente estrangeiro em sua nação de origem, Bigger Thomas, a personagem principal de *Native Son* é norte-americana, mas devido ao peso histórico de sua etnia afro-descendente Bigger não é visto como um norte-americano, mas sim como uma afro-descendente, como uma pessoa estrangeira que não tem os mesmos direitos que os outros filhos nativos, os brancos tem. Richard diz em seu prefácio *How 'Bigger' was Born*

[...] [Ele era] filho nativo dos Estados Unidos, mas era, também, um negro nacionalista, em um sentimento muito vago, porque não lhe permitiam viver como um norte-americano. Essa era a forma de vida dele e minha; nem Bigger nem eu nos sentíamos perfeitamente à vontade em qualquer em qualquer um dos grupos. (WRIGHT, 1991, p. 870, tradução nossa)².

Assim como Bigger Thomas e Richard Wright não se sentem pertencentes por completo a nenhum dos grupos, a obra *Native Son* também seria incompleta se fosse rotulada apenas de norte-americana, ou apenas de Literatura Negra ou mesmo de apenas Literatura Negra norte-americana, pois ela é mais que isso. Ela transcende essa fronteira desta nação que

não acolhia seus filhos nativos, fazendo com que em contrapartida a literatura do autor acabe acolhendo não apenas os afro-descendentes, mas todas as minorias que não se sentem nativas em suas nações de origem.

Porém deixar o autor sem nenhuma titulação também não faria justiça a magnificência de sua obra, sendo assim, neste presente trabalho optamos por categorizá-lo como literatura negra, sendo assim, partiremos das premissas de Bernd para tentar defini-lo desse modo, sem se esquecer é claro que essa definição não lhe seria para restringi-lo a apenas um lugar, mas seria apenas para estudá-lo com maior proficiência.

Para a autora, a literatura negra é de difícil categorização, a dificuldade de se denominar uma literatura como negra é devido a esta sempre ter existido, de ter se transmutado ao longo das épocas e se mesclado com as culturas regionais dos lugares onde os negros habitam. Assim a autora cita o problema que ocorre em regiões da África onde se nota que a:

[...] tomada de consciência de ser negro e do violento processo de assimilação que ameaçava a cultura negra, determinaram uma literatura fortemente engajada na afirmação de uma nova identidade negra, observa-se uma tendência a abandonar os rótulos” (BERND, p.269, 1992).

Assim, autores africanos e caribenhos lutam contra títulos como: ‘negro-africana’, ‘afro-americana’, ‘afro-cubana’ etc.

O que nos levaria a tomar assim a obra de Richard como uma literatura universal, pois como o próprio autor relata em seu prefácio *How ‘Bigger’ was Born*, Bigger não é apenas negro, mas branco também.

Para a autora a única característica que poderia classificar uma obra como sendo ‘negra’ seria traços discursivos presentes nela, dentre esses o principal seria o que a autora categoriza como “um eu enunciador que se quer negro” (BERND, 1992, p.269), pois só isso diferenciaria a literatura a respeito de negros e a literatura vinda dos negros. Porém, como em prosa, o caso da nossa obra de estudo, o ‘eu enunciador’ é um narrador, a questão se torna

² [...] he was a native son; but he was also a Negro nationalist in a vague sense because he was not allowed to live as an American. Such was his way of life and mine, neither Bigger nor I resided fully in either camp.

mais complexa, assim a autora traz outros elementos discursivos pertinentes a serem considerados no caso de textos em prosa para desvendar eventuais problemas, estes elementos são:

- a) Grau de contaminação do narrador ao discurso dos personagens;
- b) Sua implicação na trama narrativa como narrador intradieético;
- c) As descrições do autor não serem folclorizadas e de narrar as peculiaridades da comunidade de dentro para fora. (BERND, p.270, 1992)

Tendo em vista esses elementos podemos considerar que na obra em questão, há pouca contaminação do narrador, exatamente por este não ser intradieético, mas sim extradieético, contudo, o narrador fala com proficiência sobre o assunto e não o folcloriza, porque ele relata um mundo que tem pleno conhecimento, sendo assim, podemos considerá-lo pertencente à literatura negra, pois se encaixa tanto na premissa de “um eu enunciador que se quer negro” (BERND, 1992) quanto na de um autor que não folcloriza a realidade negra, exatamente por não relatar o negro de forma distanciada e estereotipada.

3 RICHARD WRIGHT: VIDA E OBRA

Nascido Richard Nathaniel Wright a 4 de setembro de 1908, em uma plantação próxima a Natchez no Mississippi – onde hoje se encontra uma placa em sua homenagem –, estado da região sudeste dos Estados Unidos da América, isto é, a região dominada pelas leis segregacionistas, o que marcou sua vida e sua obra, como ele retrata em *The Ethics of Living Jim Crow – An autobiographical sketch*.

Filho primogênito de uma professora de escola primária, Ella Wilson, de um meeiro iliterato, Nathan Wright e neto de ex-escravos também analfabetos, Richard sempre se interessou pelas Letras, apesar de ter ingressado na escola tardiamente por não ter roupas boas o suficiente para frequentá-la e ter abandonado-a também, antes de completar o ensino médio, devido à necessidade de trabalhar.

Em 1910 nasce seu irmão Leon Alan, dois anos depois a família se muda para Memphis, Tennessee, onde Nathan abandona sua família para viver com outra mulher, agravando a doença de Ella, que em 1914 deixa os dois filhos aos cuidados de um orfanato Metodista. Após, dois anos neste local a mãe retoma a guarda dos filhos e vai vier em

Jackson, Mississippi com sua mãe, lugar ao qual Richard voltaria entre 1920 e 1925, essas experiências na casa da avó materna, uma religiosa fervorosa que não permitia que ninguém lesse nada que não fosse relacionado à sua fé e que o obrigava a rezar e participar de seus rituais religiosos adventistas, o influenciaram em sua visão a respeito de religião e como esta tinha um importante papel na assimilação dos afro-americanos.

A família se muda para Arkansas, junto à tia materna Maggie, a preferida do menino, eles vivem na cidade até um grave acidente acontecer, seu tio Silas Hoskins foi assassinado pelos brancos da região que temiam a ascensão social que Hoskins vinha construindo, além desta tragédia, o autor relata que fora na mesma cidade que passará por outro incidente, que assim como o assassinato do tio, lhe mostrava a impotência dos negros diante dos brancos, segundo o retrato do autor em seu ensaio autobiográfico *The Ethics Of Living Jim Crow*, foi ali que Wright vivera sua primeira experiência a respeito da ética segregacionista,

Recebi minha primeira lição de como um negro deveria viver ainda muito pequeno. Vivíamos em Arkansas. Nossa casa ficava atrás dos trilhos de trem. Seu quintal rústico foi pavimentado com carvão [...] de qualquer maneira, as carvão era uma boa arma. Você sempre pode ter uma boa guerra com grandes pedaços de carvão [...] Um dia o grupo ao qual eu pertencia viu-se envolvido em uma guerra com os meninos brancos que viviam antes dos trilhos. Como sempre, preparamos uma munição de carvão e pensamos que isso afugentaria os meninos brancos. Mas eles responderam com um grande bombardeio estilhaços de garrafas [...] Quando a noite caiu, a minha mãe veio da cozinha onde trabalhava para os brancos [...] eu peguei a mão dela e contei toda a história. Ela examinou minha ferida, e logo em seguida me deu um tapa. [...] Ela me batia com uma vara, e , enquanto minha pele ainda sofria, concedia a sabedoria Jim Crow [...] Eu nunca mais deveria lutar quaisquer mais guerras. Eu nunca mais deveria, nunca mesmo, sob quaisquer condições, lutar contra os brancos novamente. E eles estavam absolutamente certos em me atingir com garrafas de leite quebradas [...] Quando eu iria aprender a ser um bom menino? [...] Ela terminou dizendo-me que eu deveria ser grato a Deus para sempre por eles não terem me matado. (WRIGHT, 1991, p. 226, tradução nossa).³

³ My first lesson in how to live as a Negro came when I was quite small. We were living in Arkansas. Our house stood behind the railroad tracks. Its skimpy yard was paved with black cinders. [...] And anyhow, cinders were fine weapons. You could always have a nice hot war with huge black cinders. [...] one day the gang to which I belonged found itself engaged in a war with the white boys who lived beyond the tracks. As usual we laid down our cinder barrage, thinking that this would wipe the white boys out. But they replied with a steady bombardment of broken bottles [...] When night fell, my mother came from the white folks' kitchen [...] I grabbed her hand and babbled out the whole story. She examined my wound, then slapped me. [...] She would smack my rump with the stave, and, while the skin was still smarting, impart to me gems of Jim Crow wisdom [...] I was never to fight any more wars. I was never, never, under any conditions, to fight white folks again. And they were absolutely right in clouting me with the broken milk bottle. [...] When was I ever going to learn to be a good boy? [...] She finished by telling me that I ought to be thankful to God as long as I lived that they didn't kill me.

Sua vida, como mostrada em seu ensaio autobiográfico, foi marcada pela segregação. Sua história seria outra se ele não tivesse vivido nos Estados Unidos do começo do século 20 e sua obra também seria outra, pois não teria o engajamento com a realidade social de uma época como ela tem.

Assim, o autor conta que quando retornou do Arkansas ao Mississippi ele também retornou a paz, pois eles tiveram a *grande sorte*⁴ de não mais viver depois de trilhos de trem, conseqüentemente, longe dos brancos. Eles viveram no centro do Cinturão Negro, onde todos eram negros e ele não mais convivia sob a ameaça constante dos brancos. Esta paz durou até que o menino cresceu e precisou ajudar a mãe com o sustento da casa, o que lhe obrigou a se reaproximar dos brancos, pois eles estavam sempre à procura de mão-de-obra de baixo custo que era como mantinham os negros, com baixos salários e baixos ou sem nenhum auxílio.

Em seu ensaio Wright retratará as dificuldades que um afro-americano encontrava quando tinha que conviver lado a lado com os brancos, o autor conta que com o passar do tempo foi adquirindo cada vez mais conhecimento sobre como era viver sob a 'Ética das leis Jim Crows', ele aprendeu que um negro tinha que se mostrar inferior aos brancos, pois se ele se sobressaísse ele pagaria um preço caro, muitas vezes com a própria vida. Deste modo, ele passa a aprender que se quisesse sobreviver ele teria que viver segundo as regras, o que significava não apenas se submeter às leis da segregação, mas encontrar modos de sobreviver ao se submeter a tantas leis castradoras, o que não era uma tarefa fácil,

[...] [Com o passar dos anos] minha educação sobre as leis de segregação assumiu uma forma bem diferente. Já não era brutalmente cruel, mas sutilmente cruel. [...] eu aprendi a mentir, roubar, dissimular. Eu aprendi a jogar esse duplo papel que cada negro deve jogar se ele quer comer e viver (WRIGHT, 1991, p. 235, tradução nossa).⁵

⁴ Grifo nosso, para enfatizar o modo como o autor se refere a experiência de não mais conviver com brancos, ele se refere a isso com o termo 'good fortune'.

⁵ Here my Jim Crow education assumed quite a different form. It was no longer brutally cruel, but subtly cruel. Here I learned to lie, to steal, to dissemble. I learned to play that dual role which every Negro must play if he wants to eat and live.

Podemos assim notar que a violência e a ética das Leis Jim Crow, a religião e a segregação de maneira geral foram criando a identidade do autor, e traçando para ele o que seria o perfil dos negros, dos bons negros, que como sua mãe lhe dissera quando ele era ainda criança, não deviam enfrentar os brancos, que como sua avó lhe dizia todo o tempo, deviam se conformar com sua condição inferior e orar para que um dia eles, os negros, chegassem ao céu e tivessem o acolhimento que não lhes havia sido dado em suas vidas terrenas e como aprendeu com os inúmeros brancos com quem trabalhou e conviveu, deveria sempre abaixar a cabeça e responder “Sim, senhor”.

Contudo, isso tudo não foi capaz de tirar dele a perseverança em adquirir conhecimento e se tornar a diferença que ele queria ver entre seu povo, ao contrário, talvez o sofrimento de seus iguais o tenha feito perceber que ao contrário do que todos lhe diziam, ele tinha que lutar, mesmo sem ter acesso a livros, ele lutou para tê-los,

[...] era quase impossível pegar um livro para ler. Supunha-se que após o negro ter recebido o escasso ensino fornecido pelo estado, ele não tinha mais necessidade de ter acesso a livros. Eu sempre tive que emprestar livros de pessoas com quem trabalhava. Um dia eu criei coragem suficiente para pedir a uma delas que me deixasse pegar livros da biblioteca em seu nome. Surpreendentemente, ela consentiu (WRIGHT, 1991, p. 235, tradução nossa)⁶.

A partir do conhecimento adquirido na vida e nos estudos autoditadas, lhe surgiu o hábito da reflexão, Wright começou a recolher pedaços de sua história e da dos afro-americanos de maneira geral, para por meio de essas encontrar a razão pela qual as pessoas agiam como agiam e o que isso fazia delas,

Depois de eu ter sobrevivido aos traumas de minha infância, depois do hábito da reflexão ter nascido em mim, eu comecei a meditar sobre a estranha ausência de uma genuína bondade entre os negros, quanto instável era o nosso carinho, quanto nos faltava a paixão genuína, quanto vazia era

⁶[...] it was almost impossible to get a book to read. It was assumed that after a Negro had imbibed what scanty schooling the state furnished he had no further need for books. I was always borrowing books from men on the job. One day I mustered enough courage to ask one of the men to let me get books from the library in his name. Surprisingly, he consented.

nossa esperança, quanto tímida era nossa alegria, quanto frágil eram as nossas tradições, quanto ocas eram as nossas memórias, quanto nos faltava naqueles sentimentos intangíveis que ligam os homens entre si, e quão superficial era o nosso desespero. Depois de ter aprendido outros modos de vida eu comecei a pensar sobre a ironia inconsciente dos que achavam que os negros levam uma existência tão passional! Eu vi que o que tinha sido tomado como nossa força emocional foram nossas piores confusões, os nossos fugas, nossos medos, nossa frenesi sob pressão (MOSKOWITZ, 2008, p.58, tradução nossa).⁷

E com o conhecimento adquirido Wright descobriu por meio da literatura meios de falar por todos aqueles que não tinham voz e dessa forma, lutou pelos direitos dos negros, segundo Moskowitz,

[...] Uncle Tom's Children [...] Native Son [...] and Black Boy [...] Estes três livros expuseram, sem exaltações, o profundo desespero dos afro-americanos que vivem sob as leis e práticas Jim Crow. Ninguém, antes de Richard Wright, tinha exposto com tal poder emocional a opressão enfrentada pelos negros nos Estados Unidos. Não seria exagerado dizer que os livros de Richard Wright ajudaram a estabelecer bases para o movimento dos direitos civis das décadas de 50 e 60. (MOSKOWITZ, 2008, p.58, tradução nossa)⁸

A vida de Wright foi uma eterna luta pela afirmação e pelos direitos dos negros. Apesar de polêmica, sua mudança para a Europa, em 1947, não o fez se afastar de seus ideais, a 28 de novembro de 1960, ele falece em Paris, deixando obras literárias inacabadas, contudo tendo deixado sua marca na literatura e na luta negra.

Algumas de suas principais obras foram:

⁷ After I had outlived the shocks of childhood, after the habit of the reflection had been born in me, I used to mull over the strange absence of real kindness in Negroes, how unstable was our tenderness, how lacking in genuine passion we were, how void of great hope, how timid our joy, how bare our traditions, how hollow our memories, how lacking we were in those intangible sentiments that bind man to man, and how shallow was even our despair. After I had learned other ways of life I used to brood upon the unconscious irony of those who felt that Negroes led so passional an existence! I saw what had been taken for our emotional strength was our negative confusions, our flights, our fears, our frenzy under pressure.

⁸ [...] Uncle Tom's Children [...] Native Son [...] and Black Boy [...] These three books laid bare, unflinchingly, the desperation felt by African Americans living under Jim Crow laws and practices. No one, before Richard Wright, had exposed with such emotional power the oppression faced by Negroes in America. It would not be an exaggeration to say that Richard Wright's books help to lay ground for the civil rights movement of the 1950's and 1960's.

Obras de Ficção:

- *Uncle Tom's Children* (New York: Harper, 1938) – Obra de contos, reúne cinco contos a respeito da segregação e tem como introdução o ensaio *The Ethics Of Living Jim Crow: An Autobiographical Sketch*.
- *Native Son* (New York: Harper, 1940) – Um romance que conta a história de um rapaz negro que assassina uma jovem branca.
- *The Outsider* (New York: Harper, 1953) – Narra os conflitos existenciais de um jovem intelectual.
- *Eight Men* (Cleveland and New York: World, 1961) – Obra que compila oito contos.
- *Lawd Today* (New York: Walker, 1963) – Um romance que retrata um dia da vida de Jake Jackson.

Obras de não-ficção:

- *The Ethics Of Living Jim Crow: An Autobiographical Sketch* (1937) – Relatos autobiográficos sobre como conheceu e aprendeu a dura ética da segregação.
- *How "Bigger" Was Born; Notes of a Native Son* (New York: Harper, 1940) – Ensaio onde explica suas inspirações para a personagem principal de seu romance.
- *12 Million Black Voices: A Folk History of the Negro in the United States* (New York: Viking, 1941) – Um catálogo fotográfico produzido pelo fotógrafo Edwin Rosskam no qual cada foto é seguida de uma legenda em prosa poética de Wright.
- *Black Boy* (New York: Harper, 1945) – Um Bildungsroman⁹ autobiográfico, aqui Wright elabora um livro de memórias em que reflete sobre sua infância e juventude.
- *I Choose Exile* (1951) – Ensaio onde o autor discorre a respeito da discriminação que sofreu nos Estados Unidos devido ao seu casamento inter-racial e sua consequente decisão de se mudar para a Europa, fazendo assim uma comparação entre o problema racial na Europa e na América.
- *White Man, Listen!* (Garden City, New York: Doubleday, 1957) – Reúne artigos que discutem a problemática racial e as consequências dessa.

⁹Bildungsroman, ou romance de formação, designa romances que acompanham a maturação de uma personagem, podendo essa ser física, psicológica, moral, social ou política.

4 NATIVE SON

A diegese se passa nos anos 30 em Chicago, se dividindo entre um bairro de negros e um bairro de brancos, a mesma divisão que ocorria naquela época. Um jovem afrodescendente de vinte anos que vive num apartamento de um cômodo em péssimas condições físicas com sua mãe e irmãos. Sua mãe, preocupada com seu futuro e com a situação econômica da família lhe arranja um emprego por meio de uma associação assistencialista para afrodescendentes. Coincidentemente, o emprego que lhe é dado é de motorista particular da família do locatário de seu apartamento. Contrariado, Bigger vai até a casa e se apresenta para o trabalho na casa da família Dalton. Desde o primeiro momento, Bigger não simpatiza com a filha do casal, Mary Dalton, a jovem o trata de modo pouco usual, ela não reforça o distanciamento e as maneiras de tratamento de submissão dos negros aos brancos. Logo em seu primeiro dia de trabalho, Bigger leva Mary para encontrar seu namorado, um comunista assumido, Jan Erlone, eles forçam o jovem afrodescendente a se sentar a mesa junto a eles num restaurante, o que causa estranhamento não só no rapaz como nas outras pessoas que presenciam a cena. Bem mais tarde, ele leva a moça já bem embriagada para casa, ele a ajuda a chegar até seu quarto, contudo, a mãe da moça chega quando ele ainda se encontrava lá, apesar da senhora ser cega, ele teme que a moça fale algo, assim, o rapaz encobre seu rosto com um travesseiro para que esta não diga nada, entretanto, ele pressiona demasiadamente o travesseiro e acaba sufocando a moça até a morte da mesma. Ele coloca o cadáver de Mary na fôrnelha que aquecia a casa e resolve tentar incriminar seu namorado pelo assassinato. Quando o corpo é descoberto, o jovem foge levando consigo sua namorada, Bessie, pois ela sabia do assassinato e poderia testemunhar contra ele, sem conseguir confiar na fidelidade dela, ele também a mata e passa a fugir sozinho. Ele é capturado e antes mesmo de ser julgado pelo estado, a mídia e a população branca já o julgava como monstro. Apesar da ajuda de Jan, que lhe traz um advogado do partido comunista que intercede por ele mostrando que Bigger era o monstro que a violência racial havia criado, não podendo ser condenado sozinho por um erro que era de toda uma sociedade, entretanto, o rapaz já havia sido condenado por essa mesma sociedade cega para seus próprios problemas, assim, só lhe faltava a sentença, que é dada em forma de pena de morte.

A personagem principal da obra, como podemos ver é Bigger Thomas, este é o coração da obra que tem toda sua história construída por meio de seu ponto de vista, o escritor diz que “[...] por eu ter me limitado a reproduzir apenas o que Bigger havia visto e sentido,

não dei mais realidade aos outros personagens do que o próprio Bigger via¹⁰ (WRIGHT, 1999, p. 878, tradução nossa)”. A realidade que o autor deu a Bigger é, talvez, o ponto mais importante do livro, pois Bigger foi inspirado em pessoas autárquicas que Wright conheceu ao longo de sua vida e que desde cedo lhe fizeram refletir sobre o papel de submissão do negro, porque o que todos estes ‘Biggers’ tinham em comum era a não submissão à ética segregacionista.

Segundo o autor em seu prefácio *How "Bigger" Was Born* (1999), ao longo de sua vida, ele se deparou com inúmeras pessoas que lhe chamaram a atenção devido aos seus perfis de não assimilacionistas, esses eram algumas vezes chamados de ‘bad niggers’, eram aqueles que não se comportavam como os negros deveriam se comportar, aqueles que não se submetiam à ética segregacionista e desafiavam as *Jim Crow Laws*, inspirando o autor que passa a admirar e refletir sobre suas atitudes.

O primeiro ‘Bigger’ que Wright conheceu foi ainda na infância, um garoto que aterrorizava todos os outros em Jackson, Mississippi, esse, segundo o autor, sempre seguiu seu caminho, sendo esse certo ou errado, nunca deixou ninguém atrapalhar seus planos, retirando de seu caminho quem ousasse tentar lhe impedir de algo. Outra característica importante deste ‘Bigger’ era que ele se sentia realizado quando conseguia submeter alguém, isso o fazia se sentir superior, assim, podemos encontrar neste ponto um grande paralelo com o ‘Bigger’ personagem, que se sente mais humano do que nunca ao cometer seus assassinatos.

O autor também dirá que desejou ser como ele, mas foi refreado pelo medo, mesmo sentimento infligido a sua personagem.

O segundo era adolescente, mais violento e tinha essa sua violência mais direcionada, ele se revoltava contra os brancos e o governo sulista, e quando perguntado porque agia daquela maneira ele respondia aos outros como se eles fossem crianças que ainda tinham que aprender com a vida, dizia que se eles quisessem algo na vida eles tinham que tomar, que era exatamente o que ele fazia, ele tomava para ele o que lhe era de direito, “[...] Bigger nº 2 queria viver e viveu [...]” (WRIGHT, 1999, p. 855, tradução nossa)¹¹ e assim como os outros negros, Wright o invejava por tomar as rédeas de sua vida, mas sabia que como ele, os outros não lhe imitavam porque tinham medo.

O terceiro era quem os brancos costumavam chamar de modo pejorativo de *bad nigger*, este “[...] tomava a vida em suas próprias mãos [...]” (WRIGHT, 1999, p. 855,

¹⁰[...] because I had limited myself to rendering only what Bigger saw and felt, I gave no more reality to the other characters than that which Bigger himself saw.

¹¹[...] Bigger nº 2 wanted to live and he did [...]

tradução nossa)¹², não obedecia às leis e desafiava os brancos, ele foi morto num episódio em que contrabandeava bebidas durante a lei seca.

Ao próximo, as *Jim Crow Laws* não existiam, sua única lei era a morte, ele viveu desafiando a todos sem temer as consequências de sua liberdade, [...] mas ao rir e quebrar e amaldiçoar ela [as leis Jim Crow], ele sabia que um dia ele teria que pagar por sua liberdade [...] não trabalhava, pois achava que os salários dos negros era tão baixos que ainda eram escravizados. Bigger nº 4, apesar de se querer livre sabia que não o era, e dizia "[...] ‘Os brancos não nos deixam fazer nada.’ [...]”(WRIGHT,1999, p. 856, tradução nossa)¹³", discurso que também será reproduzido por Bigger a personagem, na cena em que ele observa junto a seus amigos o vôo de um avião e eles dizem que os brancos podem fazer tudo, enquanto os negros não conseguem fazer nada:

‘Parece um passarinho’ suspirou Bigger num deslumbramento pueril.
 ‘Os brancos podem voar’ disse Gus.
 ‘É’ disse Bigger amarguradamente. ‘Eles podem fazer qualquer coisa que quiserem’.
 [...] ‘Eu pilotaria uma dessas coisas se tivesse uma oportunidade,’ murmurou Bigger pensativo, como se falasse consigo mesmo[...]”(WRIGHT,1999, p. 459, tradução nossa)¹⁴.

O quinto e último ‘Bigger’ a ser citado pelo autor, também foi reconhecido por esse por violar as *Jim Crow Laws*, fazendo o que lhe era desejado. Estes negros, os Biggers, foram os únicos negros viviam a desrespeitarem as leis *Jim Crow* e escapando continuamente, até o dia em que desapareceram ou morreram, o destino de quem desafiava a segregação.

Desse modo, o autor apresenta os homens que lhe ensinaram como ‘Bigger’ deveria ser e ainda explica suas razões de ser:

¹²He carried his life in his hands[...].

¹³[...] ‘The white folks won't let us do nothing.’ [...].

¹⁴‘Looks like a little bird,’ Bigger breathed with childlike wonder.

‘Them white boys sure can fly,’ Gus said.

‘Yeah,’ Bigger said, wistfully. ‘They get a chance to do everything.’

[...] ‘I could fly one of them things if I had a chance,’ Bigger mumbled reflectively, as though talking to himself [...].

Mas por que Bigger se revoltava? Não podemos dar nenhuma explicação a respeito de sua conduta baseando se em uma regra fixa e rápida. Mas havia sempre dois fatores psicologicamente dominante em sua personalidade. Primeiro, por meio de algum capricho da vida, ele havia se afastado da religião e da cultura popular de sua raça. Em segundo lugar, ele estava tentando reagir e responder a chamada da civilização dominante cujo brilho veio a ele por meio dos jornais, revistas, rádios, filmes e a mera visão imponente e som do cotidiano norte-americano. De muitos modos, sua emergência como alguém distinto era inevitável (WRIGHT, 1999, p. 959, tradução nossa)¹⁵.

Talvez, seja o Bigger nº 4 o que revela maior conflito existencial, a oscilação de humor desse pode nos levar a uma possível explicação para seu modo de agir que corrobore com o que acreditamos ser as mesmas ações motivadoras de Bigger a personagem do romance de Wright. Podemos ver que ambos tentam agir em coerência com seus anseios, apesar do medo, eles faziam o que acreditavam que era o certo – eles possuírem os meus direitos e oportunidades que os brancos – mas hesitavam, pois sabiam que o que lhes era certo era errado aos olhos alheios e que isso lhes trariam consequências devastadoras.

Em ambos podemos identificar uma busca de construção de identidade, pois estas suas oscilações de humor podem ser interpretadas como um espasmo do medo e da insegurança que lhes afligiam, pois eles sabiam que esse meio não aceitaria sua autoafirmação e independência, assim eles cometiam delitos e desafiavam as leis Jim Crow para se afirmarem e conforme eles desafiavam essas leis esses se sentiam cada vez mais humanos. Bigger a personagem, diz após a morte de Mary que nunca antes se sentira tão vivo, assim, a morte também era sua lei, por meio da morte de sua vítima ele deixou de ser vítima e se tornou protagonista de sua própria história, Bigger passa a viver quando mata, porque ao matar ele quebra de uma vez as leis segregacionista que ditavam sua vida, depois de ter feito isso nada mais o impediria de ser ele, de ser alguém independente e não mais um negro assimilacionista que vivia sob as leis de uma cultura que nunca o deixou entrar, ao matar, Bigger abre as porta para entrar nessa sociedade, agora ele se tornava alguém, porque havia quebrado a lei mais inquebrável que poderia ter, matou um branco, agora ele era livre, agora Bigger era alguém,

¹⁵But why did Bigger revolt? No explanation based upon a hard and fast rule of conduct can be given. But there were always two factors psychologically dominant in his personality. First, through some quirk of circumstance, he had become estranged from the religion and the folk culture of his race. Second, he was trying to react to and answer the call of the dominant civilization whose glitter came to him through the newspapers, magazines, radios, movies, and the mere imposing sight and sound of daily American life. In many respects his emergence as a distinct type was inevitable.

tinha uma identidade, porque tomou “[...] a sua vida em suas próprias mãos [...] (WRIGHT,1999, p. 855, tradução nossa)”

Assim poderíamos associar a violência na obra à formação da identidade da personagem, pois essa seria a redenção da personagem, contudo isso não seria coerente às intenções de Wright. Segundo Robert James Butler em seu artigo *The function of violence in Richard Wright's 'Native son'*, a violência na obra de Wright seria um agente propulsor a reflexão sobre o condicionamento de Bigger.

A personagem Bigger Thomas, na verdade é um indivíduo fragmentado, um naturalista e um romântico dividindo o mesmo corpo, o primeiro está preso em seu ambiente natural e aspirando uma vida melhor e outro, o mais humano. O que pode ser melhor explicado por meio de outra dualidade:

Esta dualidade de Bigger é ainda mais visível em suas relações com Bessie e Mary, que representam os polos opostos de seu ‘eu’ fragmentado. Considerando que Mary representa um lado de Bigger, que pode ser chamado de "romântico", porque é centrado em um conjunto idealizado de aspirações por uma vida radicalmente nova baseada em muitas possibilidades, enquanto Bessie simboliza uma vertente de sua personalidade que pode ser chamada de "naturalista", uma vez que é seriamente condicionada por pressões econômicas, políticas e sociais de seu ambiente real (BUTLER, 1986, p.11, tradução nossa)¹⁶.

O fato de a personagem não conseguir se relacionar com estes seus dois alteregos é a ironia do romance, Bigger percebe nelas ele mesmo e teme-as, pois teme tomar consciência de si, porque isso causaria sua própria morte ou de terceiros, ao matá-las, sendo assim, ele faz ambos, cometendo um duplo suicídio.

Matando Mary, ele mata o que ambos tinham em comum: a rebeldia e a alienação, mata também as possibilidades e a fantasia do mundo que ele é privado, mundo tão suave e quente quanto a moça que ele deseja sexualmente como uma concretização destes sonhos. Enquanto Betsy é assassinada por ele devido ao lado romântico que gostaria de tocar Mary ser

¹⁶ This duality in Bigger is even more powerfully revealed in his relationships with Bessie and Mary, who represents the extreme poles of his divided self. Whereas Mary represents a side of Bigger which may be called “romantic” because it is centered in an idealized set of longings for a radically new life based upon expanded possibilities, Bessie epitomizes an aspect of his personality which may be called “naturalistic” since it is severely conditioned by economic, political, and social pressures of his actual environment.

substituído pelo lado naturalista, violento e apático, que luta pela própria preservação, ao matá-la ele destrói o seu lado impotente e autodepreciativo que evita a vida e que já não suporta mais, tanto que a própria personagem diz que era a vida dela ou a de si própria, isso se deve a esta ser o lado que o estatizava.

Livre de ambas Bigger se faz indivíduo, quase toda a última parte do livro três é composta por esse Bigger livre em busca de autoconhecimento, o que é visto em sua capacidade de contato humano, ele passa a ser simpático a sua família e a Jan e Max, ele sente até mesmo remorso quando Jan fala de seus sentimentos a respeito de Mary e percebe que suas atitudes não vinham do orgulho, mas da cegueira que ambas as raças compartilha devido à lógica racial, contudo, ele não tem tempo de concluir seu autoconhecimento e substituir seus sentimentos violentos, pois a sociedade com ódio e medo não lhe dá tempo, condenando-o a morte antes que ele chegasse ao seu desenvolvimento pleno. Que seria a passagem da coisificação do homem dominado por uma ética que não é sua para a humanização de um homem consciente de si e de sua sociedade.

Assim podemos dizer que se a função da violência na obra é a reflexão a respeito do condicionamento de Bigger, o indivíduo fragmentado que se descobre ao entrar em conflito consigo mesmo e com outra raça que o subjuga a uma posição inferior, entretanto as intenções do autor não se dirigem a propagação da violência e do ódio entre raças, como podemos ver no artigo de Dorothy Redden *Richard Wright and 'Native Son': Not Guilty* em que ela afirma que o livro publicado em 1940 tem sido lido e “mal lido” desde sua publicação. Segundo a mesma, a crítica mais recente – década de 70, a partir dessa mesma que também coletamos nossos textos críticos – é mais sofisticada que a da época da publicação da obra, contudo há nela um erro que ainda persiste, esse é a má interpretação do texto que os fazem afirmar que a obra incita o ódio à sociedade branca.

A autora rebate dizendo que uma obra advinda de um fluxo de sentimentos incontroláveis, como a crítica acreditava, não poderia ter gerado um romance tão bom a ponto de perdurar e conquistar tanto público. As personagens brancas da história não são construídas como ruins, mas como cegas e a personagem mais inteligente e humana do livro é uma pessoa branca, o advogado Boris Max. Sendo assim, as personagens brancas não são construídas para serem odiadas, mas apenas, para servirem de exemplos de como é uma sociedade alienada. Outro argumento que contraria essa premissa é que o próprio protagonista é uma personagem que não desperta ‘amores’ ou compaixão de seu leitor, ele era um criminoso antes mesmo de matar não uma, mas duas mulheres, sendo uma delas a própria namorada, o que seria contrário a um texto passional, pois nesse a personagem principal

deveria ser alguém que despertasse a simpatia dos leitores, alguém que só fosse a vítima, caso diferente do nosso, em que Bigger é vítima, mas também é algoz. A emoção do livro para a crítica é contida e transcendente, ela é medida para gerar o efeito que o autor procurava, não ódio nem pena, mas atenção ao que estava ocorrendo com as pessoas negras nos Estados Unidos e as consequências morais, psicológicas e sociais disso.

As consequências disso, podemos dizer que é o que Meryen Ayan discute em seu artigo crítico a respeito de *Native Son*, *The cultural logic of racism in Richard Wright's Native Son*. A autora discute este problema de relação entre raças, mas especificamente segundo ela, o impacto psicológico da 'lógica racial'¹⁷ sobre os afrodescendentes norte-americanos que é o que Wright apresenta-nos em seu romance.

A autora afirma que este problema é de fato muito antigo devido a ambos os grupos manterem uma imagem racial estereotipada 'psico/logicamente'¹⁸ um do outro, o que é prejudicial aos dois, o que os faria viver atingidos, brancos e negros, respectivamente, por um 'complexo de culpa-ódio-medo'¹⁹ e um 'complexo de medo-ódio-medo' (Meryen apud Guthrie, 1970), sendo esses os causadores da filantropia dos brancos para com os negros, pois esses temem enfrentar a culpa e se depararem com o medo e da violência dos negros para com os brancos, porque estes outros amedrontados e sem poder se expressarem se afirmam por meio do poder físico,

Esta oportunidade muito limitada é a causadora de sentimentos de ansiedade e agressividade na superfície, mas no fundo ela é o medo. Assim, Bigger, experimentando os perigos da cultura em que vive, torna-se um assassino acidental, embora, antes que ele se torne um assassino acidental ele primeiro se torna vítima dessa estrutura cultural do racismo e dessa sociedade limitante (AYAN, 2011, p.136, tradução nossa)²⁰.

Segundo Meyer, tudo isso se deve ao fato da 'lógica cultural do racismo' que faz com que negros e brancos não se vejam como indivíduos. Esta lógica domina o modo de pensar e

¹⁷ "Racial logic"

¹⁸ "Mind/logic"

¹⁹ "Guilt-hate-fear complex" e "fear-hate-fear" termos pela autora de Guthrie, 1970.

²⁰ This very limited opportunity caused anxiety and aggressiveness on the surface but deep inside he is feared. Thus, Bigger, by experiencing the hazards of the culture he lives in, becomes an accidental killer, although before he becomes an accidental killer he first becomes the victim of racism culturally structured and the society bounded.

agir de quem vive sob seus termos, assim, o protagonista da história que sempre viveu do lado dos não privilegiados se viu desorientado quando as personagens Jan e Mary passam a lhe tratar de igual para igual contrariando lógica racial instaurada:

Ele fica chocado, incapaz de compreender as atitudes de Jan e Mary, uma vez que os dois, como brancos que são, deveriam agir com hostilidade ou limitação de espaço, segundo seu estereótipo racial. Esta é a sua lógica cultural de raça. Os medos e ansiedades de Bigger aumentam conforme seu estereótipo de pessoas brancas é confundido pelas atitudes de Jan e Mary, que violam o mundo dividido etnicamente, onde os negros são marginalizados na sociedade (AYAN, 2011, p.137, tradução nossa)²¹.

Sendo assim, a forma como Bigger age com Mary é devido a sua lógica cultural de raça, do mesmo modo como a forma que a sociedade age com ele é devido a mesma.

Esta barreira é quebrada apenas no final do romance, quando Bigger reconhece Boris Max como indivíduo e não mais como mais um estereótipo racial ao perceber que o advogado realmente tentava lhe ajudar, mesmo esse sendo branco e ele negro, porém já é muito tarde para Bigger que foi condenado a morte e também tarde para a sociedade que perdeu Mary Dalton.

Assim podemos concluir que a violência é o fator recorrente entre todos os Bigger que inspiraram a personagem Bigger do romance, e que a personagem Bigger responder com ela para se libertar de si mesmo e da opressão de sua sociedade e adquirir autoconhecimento, demonstra o problema tão questionado por Wright, o problema da relação entre as raças que é um dos fatores causadores da fragmentação do homem, que ora entra em conflito consigo mesmo, sem saber se deve reproduzir o papel que lhe é designado na estrutura social ou o papel que lhe é desejado e entrar em conflito com a sociedade ao seu redor, que em si também é contraditória, devido também a sua estrutura ser organizada por outros indivíduos fragmentados em si.

²¹He is shocked, unable to understand the act of Jan and Mary, since they are whites acting contrary to his stereotype of whites' acting hostilely towards blacks or limiting their space. This is his cultural logic of race. Bigger's fear and anxieties mount as his stereotype of white people is confounded by Jan and Mary, who violate the racially ordered world in which blacks are at the margins of the society.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o racismo perdurou mesmo depois da abolição da escravatura após a Guerra Civil Norte-Americana, isso se deu por meio das emendas feitas às leis, conhecidas como *Jim Crow Laws*, estas eram responsáveis pela legalização da segregação e a formação de duas sociedades, uma branca e uma negra, que mantinham entre si uma convivência social sustentada por um código ético-moral chamado de *Ética das leis Jim Crow*.

Esse código é nomeado desta maneira e transcrito para nós por meio de um esboço autobiográfico de Richard Wright *The Ethics of Living Jim Crow – An autobiographical sketch*, texto que se torna a introdução de seu primeiro livro *Uncle Tom's Children*, um livro de contos a respeito da luta pela sobrevivência e pela autoafirmação nos afro-americanos que viviam sob este sistema segregacionista. Contudo, esta obra foi bem recebida pelo público que se identificou com o sofrimento de suas personagens, fazendo com que assim, o autor sentisse a necessidade de criar uma nova personagem, uma personagem diferente das outras que criará e diferente de tudo que já havia sido criado até então, mostrar a faceta do negro que não é assimilacionista, daquele que não se rende a ética das leis Jim Crow e exige seu lugar na sociedade quebrando estas leis.

Este negro era Bigger, ou eram os Biggers, pois ele não era um, mas vários, vários homens que Wright conheceu e foi tocado por suas valentias desmedidas na hora de exigir o que era deles. Eles são nos apresentados no ensaio do autor *How 'Bigger' was Born*, ensaio que o autor faz para nos explicar o processo criativo de sua mais famosa obra *Native Son*, ele irá contar que teve medo de escrever essa obra, mas sabia que ela tinha que ser escrita e escrevê-la de forma fiel a realidade negra.

Senti que se eu desse a Bigger sua real imagem, haveria muitos brancos reacionários que iriam tentar transformá-lo em tudo que não era minha intenção. Assim, foi isso o que se tornou o mais difícil, eu sabia que eu não poderia escrever de maneira convincente se não mostrasse-o como ele realmente era: isto é, ressentido com os brancos, mal-humorado, irritado, ignorante, emocionalmente instável, deprimido e inexplicavelmente eufórico, e às vezes, incapaz até mesmo, por causa de sua falta de coerência interna causada pela opressão americana, de unir-se com os membros de sua própria raça. E os brancos o mal interpretariam e, duvidando de sua autenticidade, diriam: 'Ele está pregando o ódio contra toda a raça branca?' Quanto mais eu pensava nisso, mais eu me convenci de que se eu não escrever sobre Bigger como eu o via e sentia, se eu não tentasse fazê-lo uma personalidade real e, ao mesmo tempo, um símbolo de todas as coisas

maiores que eu sentia e via nele, eu estaria reagindo como ele reagiria: eu estaria agindo movido pelo medo, se eu deixar o que pensava que os brancos diriam, me contrair e paralisar (WRIGHT, 1999, p. 868, tradução nossa)²².

Assim, apesar do medo Wright escreve seu romance e nos revela com ele a busca de identidade de Bigger, assim como o escritor, a personagem era filho nativo dos Estados Unidos, contudo ela não se sentia assim, pois sentia que aos brancos eram dadas oportunidades que não eram dadas aos negros, escolhidos e oprimidos, Wright encontra na literatura a voz que não tinha na sociedade, contudo Bigger sem a mesma capacidade de raciocínio e expressão não encontra esse escape, assim como também não se encontra na religião ou na cultura afrodescendente, tornando-se alheio a tudo e vivendo, assim como os Biggers que Wright conheceu, sob suas próprias regras. É essa sua independência que será a principal formadora de sua identidade, Bigger não tinha nada e não queria nada, pois sabia que era negro e não podia ter, mas quando mata Mary acidentalmente ele se liberta até mesmo de si, a morte dela o afirma, não por ela ser branca e o livro incitar o ódio à raça branca, mas porque matar uma branca era quebrar as leis segregacionista, não só era algo que ele não poderia ter feito, mas como era o pior que ele poderia ter feito, assim ao fazê-lo, ele se vê livre de todas as regras e imposições e isso ainda o leva a conhecer Max, que o faz refletir sobre si mesmo e o faz chegar o mais próximo da humanidade que ele já chegará, contudo Bigger não teve tempo de formar uma consciência plena, pois é condenado a morte antes que consiga chegar a suas conclusões a respeito de sua vida.

Podemos assim, perceber por meio deste estudo a importância da literatura na discussão da questão racial, apesar da importância dessa nos ser imensurável podemos percebê-la quando nos deparamos com obras que perduram e são lidas e reconhecidas até os dias de hoje, como por exemplo, as obras de Richard Wright que segundo James Tuttleton em seu artigo *The problematic text of Richard Wright*, algumas obras do escritor, incluindo

²² I felt that if I drew the picture of Bigger truthfully, there would be many reactionary whites who would try to make of him something I did not intend. And yet, and this was what made it difficult, I knew that I could not write of Bigger convincingly if I did not depict him as he was: that is, resentful toward whites, sullen, angry, ignorant, emotionally unstable, depressed and unaccountably elated at times, and unable even, because of his own lack of inner organization which American oppression has fostered in him, to unite with the members of his own race. And would not whites misread Bigger and, doubting his authenticity, say: "This man is preaching hate against the whole white race"?

The more I thought of it the more I became convinced that if I did not write of Bigger as I saw and felt him, if I did not try to make him a living personality and at the same time a symbol of all the larger things I felt and saw in him, I'd be reacting as Bigger himself reacted: that is, I'd be acting out of fear if I let what I thought whites would say constrict and paralyze me.

Native Son, serão incluídas no acervo da ‘*The Library of America*’, acervo que até hoje só continha obras de um outro escritor afro-descendente W.E.B. Du Bois. Tuttleton ainda complementa sobre a obra do autor,

Native Son é o melhor romance de Wright, mas *Uncle’s Tom’s Children* e sua autobiografia *Black Boy* também são narrativas atraentes, que serviram para revolucionar a literatura negra nos Estados Unidos. Irving Howe, em *Black Boy and Native Sons*, foi ousado ao ponto de dizer que ‘no dia que *Native Son* apareceu, a cultura americana mudou para sempre’. E de certo modo, foi assim. Esta nova obra de grande poder imaginativo reorganizou a tradição da ficção norte-americana, e com relação à literatura negra, fez com que romances anteriores de escritores negros como Charles Chestnutt, Du Bois [...] parecem muito ingênuos (TUTTLETON, 1992, p. 261, tradução nossa)²³.

Assim podemos ver que a obra de Wright foi considerada por muitos críticos a maior em sua categoria, foi considerada uma revolução até mesmo cultural em seu país.

Corroborando assim, como Moskowitz (2008) e Brivic (1974) a literatura tem o poder de alcançar grandes públicos e informá-los, causando assim, também uma transformação social-cultural. Como já diria Aristóteles (384 a. C.) e Schiller (1759) a arte também pode, ou deve, ser didática e este é um dos grandes pontos da literatura negra, que tem amplo poder informativo, elucida o grande público de questões que muitas vezes este desconhece. Desse modo, o autor se faz presente nesse papel pedagógico da literatura quando faz dela um meio para alcançar este grande público e colocar em pauta assuntos que ficavam tão cobertos pela *sombra do Véu* (Du Bois, 1999) como os negros; Wright diz em seu prefácio *How "Bigger" Was Born* que não queria mais que o leitor sentisse compaixão por seus personagens sofredores, assim como ocorreu em sua obra *Uncle’s Tom Children*, para isso ele cria uma personagem tão corrompida pelo ódio da segregação que esta não se submete à ideologia de negro sofredor e submisso ao seu destino, uma personagem que toma seu destino – que explicita o significado do título da última parte do livro: *Fate* – em suas próprias mãos e

²³ Native Son is Wright’s best novel; but Uncle’s Tom’s Children and his autobiography Black Boy are also compelling narratives that served to revolutionize black writing in America. Irving Howe, in Black Boy and Native Sons, has even gone so far as to say that “the day Native Son appeared, American culture was changed forever”. And so, in a sense it was. A new work of great imaginative prower rearranged the tradition of American fiction; and with respect to black writing, it made previous novels by black writers like Charles Chestnutt, Du Bois [...] seem mild by comparison [...].

aceita “o que a vida fizera dele” (Wright, 1991. p.35, tradução nossa), assim, a personagem cumpre seu papel na obra e na sociedade, pois coloca o autor num patamar nunca antes alcançado por um autor afro-americano, pois segundo Tuttleton (1992), o autor até é responsável por uma revolução no cânone ao ser incorporado ao acervo d’A Biblioteca da América. Deste modo, podemos notar que Wright, por meio da literatura conseguiu alcançar seu objetivo ser ouvido e com isso demonstrar a complexidade da questão negra que até então era minimizada por literaturas sobre negros e pela mitificação desses filhos não nativos.

REFERÊNCIAS

- AYAN, M. The cultural logic of racism in Richard Wright's 'Native Son'. *African Journal of History and Culture*, v. 3, n. 9, p. 135-139, Dez. 2011.
- BERND, Zilé. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- _____. *O que é Negritude?* São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BRIVIC, S. Conflict of values: Richard Wright's 'Native Son'. *Novel: A Forum on Fiction*, v. 7, n. 3, p. 231-245. 1974.
- BUTLER, R. J. The function of violence in Richard Wright's 'Native Son'. *Black American Literature Forum*, v. 20, n. 1/2, p. 9-25. 1986.
- DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- MOSKOWITZ, M. The Enduring Importance of Richard Wright. *The Journal of Blacks in Higher Education*, v. 0, n. 59, p. 58-62. 2008.
- ROSE, A. *Negro: O dilema americano*. São Paulo: IBRASA - Instituição Brasileira De Difusão Cultural, 1968.
- TUTTLETON, J. W. The problematic Text of Richard Wright. *The Hudson Review*, New York, v. 45, n. 2, p. 261-271. 1992.
- WRIGHT, R. *Early works – Lawd today!, Uncle Tom's children, Native son*. New York: The Library of America: 1991.
- _____. How "Bigger" Was Born. In: *Early works – Lawd today!, Uncle Tom's children, Native son*. New York: The Library of America: 1991.
- _____. The Ethics of Living Jim Crow – An autobiographical sketch. In: *Early works – Lawd today!, Uncle Tom's children, Native son*. New York: The Library of America: 1991.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AMIS, L. J. Richard Wright's 'Native Son': Notes. *Negro American Literature Forum*, v.8, n.3, p.240-243. 1979.
- BRADLEY, S.; BEATTY, R. C.; LONG, E. H.; PERKINS, G. *The American Tradition in Literature*. 4 ed. [S. l.]: Grosset e Dulanp, Inc. 1974.
- COBB, N. K. Richard Wright: Exile and Existentialism. *Phylon*, v. 40, n. 4, p. 362-374. 1979.
- ELMER, J. Spectacle and event in 'Native Son'. *American Literature*, v. 70, n. 4, p. 767-798, Dez. 1998.
- FRANTZ, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Peau Noire. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HANSBERRY, L. *A Raisin in the Sun*. New York: The New American Library, Inc., 1966.
- JOYCE, A. J. Style and Meaning in Richard Wright's 'Native Son'. *Black American Literature Forum*, v. 16, n. 3, p. 112-115. 1982.
- LARSEN, R. B. V. The four voices of Richard Wright's 'Native Son'. *Negro American Literature Forum*, v. 6, n. 4, p. 105-109. 1972.
- MCCARTHY, H. T. The Expatriate as 'Native Son'. *American Literature*, v. 44, n. 1, p. 97-117, Mar. 1972.
- REDDEN, D. S. Richard Wright and Native Son: not guilty. *Black American Literature Forum*, v. 10, n. 4, p. 111-116. 1976.
- SIEGEL, P. N. The conclusion of Native Son. *PMLA*, v. 89, n. 3, p. 517-523, Mai. 1974.
- WALLS, D. W. The clue undetected in Richard Wright's 'Native Son'. *American Literature*, v. 57, n. 1, p.125-128, Mar. 1985.